

CONJUNTO 2:

Texto “Rebeliões e primeiras organizações camponesas na pré-ditadura militar”

(...) As Ligas Camponesas surgem no início da década de 1950, em Pernambuco. Nesta época, era comum, no Nordeste, os agricultores usarem terras abandonadas por seus donos em troca de um foro, espécie de aluguel. Em 1955, os donos do engenho de Galiléia, em Vitória de Santo Antão, impuseram o aumento do preço do foro e tentaram expulsar os foreiros da terra, que passaram a se mobilizar. Entra em cena o advogado e deputado pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), Francisco Julião, que passa a representar os interesses dos foreiros. Nesse contexto, ali na Galiléia, os agricultores pobres começaram a se reunir, criando uma entidade chamada Liga dos Camponeses da Galiléia. Em poucos anos, as Ligas começaram a se espalhar por mais de 30 municípios pernambucanos, de outros Estados da região e do país. Nesta época, eram comuns os conflitos entre agricultores pobres e fazendeiros, onde muitos trabalhadores morriam resistindo à sua expulsão da terra.

No início dos anos de 1960, vários encontros e congressos foram realizados reunindo representantes das diversas Ligas. Marcando a unidade entre os camponeses, foi também deste período o 1º Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em Belo Horizonte (MG), em 1961. A essa altura, a consciência dos camponeses estava formada em direção à luta por uma Reforma Agrária radical, e foi neste período histórico que camponeses iniciaram, como tática de luta, as ocupações de terras e a resistência nelas. (...) Com o objetivo de destruir a resistência camponesa, houve forte perseguição política, repressão e assassinato de líderes camponeses populares. Dois deles foram Pedro Fazendeiro e Nego Fubá, organizadores da Liga Camponesa de Sapé, na Paraíba, no ano de 1964. (...)

Em fins dos anos de 1950, surge o Master a partir da resistência de 300 famílias de posseiros do município de Encruzilhada do Sul. Ele se dissemina por todo o Estado gaúcho, tendo como base assalariados rurais, posseiros, pequenos agricultores e seus filhos e peões. Em 1962, o Movimento inova nas táticas organizativas, criando os acampamentos de resistência dos sem-terra. O diferencial em relação aos demais movimentos, como os foreiros das Ligas Camponesas, era a tática de ocupar terras e nela resistir. Já nas Ligas, as lutas eram para que os agricultores não fossem expulsos da terra.

Fonte: www.memoriasdaditadura.org.br/cnv-e-as-lutas-por-terras/

Trajatória: Elizabeth Teixeira



Depois da morte de João Pedro Teixeira, a luta dos camponeses de Sapé continuou, com a liderança de Elizabeth Teixeira, de João Alfredo Gonçalves (Nego Fuba) e de Pedro Inácio de Araújo (Pedro Fazendeiro). Numa ocasião, duas viaturas policiais foram até a residência da líder sindical. Para assustá-la, fizeram-na caminhar entre fileiras de soldados que disparavam tiros rentes a seus pés.

Quando eu cheguei lá, os pés cobertos de terra, eu disse: ‘Tenente, isso é mais uma prova de covardia. Não mataram João Pedro de emboscada? Não botaram uma emboscada e

tiraram a vida de João Pedro? E por que não tiram a minha? Fazem isso'. Tantos disparos de tiros, foram muitos que a vizinhança, até muitos vizinhos pensavam que eu tinha sido assassinada. (...) Ai ele disse: "Entre no carro". Eu disse: "Eu vou voltar para pegar os documentos porque eu não vou sem documento". Ai voltei, quando eu cheguei em casa, a minha filha mais velha, Marluce Teixeira, me abraçou e disse: "Vão tirar a sua vida, minha mãe, vão tirar a sua vida e você não vai mais voltar". Eu disse: "Não, filha, eles não vão tirar a minha vida. É só para me fazer medo e abandonar a luta". "Não, mainha, vão tirar". Ai eu peguei meus documentos e vim presa. Ela [a filha] mandou comprar veneno, ingeriu veneno com mel, tomou e morreu.

Nas ocasiões em que Elizabeth precisava se ausentar, sua filha caçula, de três meses, ficava sob os cuidados dessa filha mais velha, Marluce. Naquela ocasião, com a intercessão de um advogado da Liga, Elizabeth foi liberada. O carro do advogado foi levá-la em casa. Quando chegou à casa, encontrou a filha passando mal devido ao veneno que havia ingerido. Levou-a ainda para um hospital, mas a menina não resistiu. Era mais uma prova dura que a líder camponesa teria de enfrentar. "Então, eu senti o desespero dentro de mim, desespero para enfrentar a luta para o que desse e viesse". Muitas das reuniões eram feitas na casa onde Elizabeth morava com os filhos.

Antes desse fato, um dos filhos, Paulo Pedro Teixeira, com dez anos, tinha sido atingido na cabeça por um disparo feito por um pistoleiro. Revoltado com a morte do pai, o menino começou a ficar na janela da casa e gritar para a rua: "Mataram o meu pai, mas quando eu crescer eu mato o bandido que matou o meu pai!" Elizabeth lembra que estava na sala, conversando com camponeses de Anta, quando ouviu o disparo. Correram e viram o sujeito saindo com a espingarda. Conseguiram dominar o pistoleiro, tomaram sua arma e o levaram à polícia. O menino estava caído no chão, com a bala alojada na testa. Passou vários dias em coma e seis meses internado por conta desse atentado. Mas sobreviveu. Era adulto quando veio a falecer.

Veio então a ditadura militar de 1964, que proibiu o funcionamento das Ligas Camponesas e interveio nos sindicatos de trabalhadores rurais. No dia 1º de abril houve prisões em massa em Sapé. Quando Elizabeth assumiu as atividades da Liga, a repressão voltou-se contra ela. A líder camponesa – que havia espalhado os filhos entre os parentes e enviado um deles para Cuba, onde cursaria medicina – passou a viver na clandestinidade. O regime militar libertou os dois soldados que assassinaram João Pedro Teixeira.

Pouco depois do golpe, Elizabeth foi presa e passou quase três meses detida no Grupamento de Engenharia. Ao sair da prisão, foi para a casa do pai, mas ele a rejeitou, dizendo que um dos filhos era a cara de João Pedro, o marido morto. A líder camponesa foi, então, para Recife, procurar um antigo vizinho, Manoel Serafim, militante do PCB. O amigo considerou que ela, muito visada pela polícia, não poderia ficar ali. Elizabeth foi então para o Rio Grande do Norte, e durante algum tempo trabalhou na roça, apanhando feijão e arrancando batatas. Depois, tornou-se lavadeira. Nessa época, via muitas crianças nas calçadas e chorava lembrando dos filhos que haviam ficado em Sapé. Usava o nome falso de Marta Maria da Costa.

Conseguiu um trabalho alfabetizando crianças e permaneceu naquele estado durante 16 anos. Ao longo desse período, voltou às atividades políticas. Num depoimento no seminário Memória Camponês, realizado em 2006, em João Pessoa (PB), Elizabeth Teixeira lembrava que muitos outros trabalhadores, além de João Pedro, haviam sido assassinados por defenderem a reforma agrária.

Aos 81 anos, ela lembrava o quanto essa luta tinha lhe custado:

Hoje eu estou tão cansada. Eu sofri tanto, tanto, que eu imagino até assim, como é que eu estou viva ainda hoje, pelo sofrimento que eu passei na vida. Não foi fácil ficar sem João Pedro Teixeira, com meus filhos. Depois, ficar sem meus filhos. Deixar tudo abandonado na ditadura militar. Foi muito triste.